

## AFFONSO CELSO PASTORE



# Câmbio e competitividade da indústria

Medido com relação à cota de moedas, o câmbio real, no Brasil, está atualmente mais valorizado do que em todo o período de câmbio flutuante. Na tabela (ao lado) está o índice do câmbio real do último mês. Os dados são do Banco Central. Tomei propositalmente como base de comparação a média do período de janeiro de 2002 a março de 2008, no qual as paradas de ingressos de capitais provocaram depreciações muito fortes do real, exagerando essa medida de valorização. A arbitrariedade da seleção da base de comparação me impede de afirmar que o câmbio real está sobrevalorizado, mas de acordo com esta estimativa ele valorizou-se 28,6% nesse período.

Esta, contudo, é uma medida imperfeita da perda de competitividade da indústria no comércio exterior. A Funcex calcula os índices de preços médios em dólares de produtos exportados e importados, e multiplicando o câmbio real por esses preços obtemos medidas mais precisas. Igualando a 100 a média do período de janeiro de 2002 a março de 2008, o produto de câmbio real pelos preços das exportações de manufaturas leva ao índice de 86,3, com uma queda de 13,7%, e para os produtos importados o índice é de 79,3, com queda de 20,7%. Em ambos os casos, há uma "perda de competitividade", porém bem menor do que a estimada apenas pelo câmbio real. Na contramão desses resultados os produtos básicos mostram um ganho de 42,2%.

Mas esta não é uma perda permanente. Transitoriamente estamos assistindo a um ingresso exagerado de capitais, em larga medida provocado

### CÂMBIO REAL E ÍNDICES DE COMPETITIVIDADE

	Índice em março de 2011 (base 100 na média do período entre janeiro de 2002 e março de 2008)
Câmbio real	61,4
Preços de exportações de manufaturados vezes câmbio real	86,3
Preços das exportações de básicos vezes câmbio real	142,2
Preços das importações vezes câmbio real	79,3

FONTE: Banco Central e Funcex

pela elevada liquidez internacional decorrente das reações de EUA e Europa à crise de 2008, que acentua a valorização. Assistimos nos últimos 12 meses ingressos de quase US\$ 50 bilhões em investimentos diretos, e mais de US\$ 40 bilhões para a compra de ações. Estes não são ingressos que reajam ao diferencial entre as elevadas taxas de juros no Brasil e as baixas taxas de juros internacionais, e teriam ocorrido mesmo que o Brasil tivesse taxas de juros muito mais baixas. São também ingressos que deverão reduzir-se quando a liquidez mundial voltar ao normal, juntamente com os que respondem ao diferencial de taxas de juros. Emadição, a liquidez internacional acentua o crescimento dos preços de commodities levando a ganhos elevados de relações de troca, que empurram ainda mais o real na direção da valorização.

Em períodos de valorização cambial excessiva, como a atual, justificam-se intervenções para suavizar a taxa cambial. Elas acarretam o custo elevado da esterilização de seus efeitos monetários, mas trazem os benefícios de "proteger" um pouco a competitividade da indústria e de reduzir os prêmios de risco, baixando o custo dos empréstimos externos. Meu propósito não é avaliar se as intervenções atualmente são ou não exageradas, com custos excedendo os benefícios,

mas apenas tecer considerações sobre os efeitos da valorização cambial, e para isso tenho de começar reconhecendo que o real não se valorizou apenas devido a causas transitórias.

Parte desse movimento é permanente, como ocorre, em primeiro lugar, com parcela dos ganhos de relações de troca. O crescimento da China mudou a configuração da demanda mundial de commodities, alterando seus preços relativos, e levando a ganhos de relações de troca que não desaparecerão nos próximos anos. Segundo, o Brasil passou por mudanças que reduziram permanentemente os riscos macroeconômicos, tornando-o mais resistente às paradas de ingressos de capitais.

Por exemplo, em 2002 a dívida externa brasileira (pública e privada) estava em torno de 45% do PIB, e atualmente está próxima de 15%, e em 2002 as nossas reservas internacionais atingiam apenas 10% dos valores atuais. Por isso o Brasil tornou-se menos vulnerável aos choques externos que no passado provocavam fugas de capitais, cuja incidência em cascata mantinha o real excessivamente depreciado. Terceiro, porque no Brasil as poupanças domésticas são insuficientes para financiar taxas mais elevadas de investimento.

É esta a razão pela qual a aceleração do

crescimento requer a absorção de poupanças externas, o que se faz com a elevação de importações líquidas, cuja materialização requer um real mais valorizado.

A moral da história é que, mesmo depois de passada a fase de valorização excessiva provocada por ingressos de capitais acima de seu comportamento de longo prazo, teremos de conviver com um real mais forte do que no passado. O que fazer para tornar a indústria mais competitiva? Baixar os custos de transporte com investimentos em infraestrutura ajuda, mas o maior beneficiário destes investimentos são as commodities, cujos preços por tonelada são mais elevados e sofrem mais os efeitos da infraestrutura ineficiente. Os beneficiários para a indústria vêm predominantemente de reformas na política fiscal, e em particular no sistema tributário.

A primeira dessas "reformas" seria a redução dos gastos de consumo do governo em proporção às suas receitas tributárias. Este é um passo importante para elevar as poupanças totais domésticas, deixando-nos menos dependentes da absorção de poupanças externas. A segunda seriam alterações no sistema tributário, que atualmente gravam exageradamente as exportações.

A grande vantagem de impostos sobre o valor adicionado vem do fato de que, quando se isenta sua incidência nas exportações, desaparecem todos os recolhimentos feitos em fases anteriores do processo produtivo. Mas isso somente ocorre quando todos os créditos tributários podem ser plenamente utilizados, o que não ocorre com o ICMS. Por exemplo, se uma montadora produz automóveis para a exportação no Estado A comprando autopeças no Estado B, somente terá isenção plena se puder usar todos os créditos tributários acumulados no Estado B. O ICMS teria de ser reformado, sendo cobrado pelo princípio do destino, eliminando esta distorção. Os Estados manteriam a prerrogativa de arrecadarem e gastarem os impostos de acordo com suas prioridades, mas seriam impedidos de dar isenções e estímulos.

O segundo passo é prosseguir na unificação de vários impostos federais, como o IPI, ISS, PIS, mas absorvendo impostos sobre a folha de salários, recolhendo-os na mecânica do valor adicionado, preservando-se o princípio de plena utilização dos créditos tributários. Os encargos excessivos sobre a folha de trabalho gravam as exportações em geral, mas gravam particularmente mais as expor-

tações de produtos que são intensivos de mão de obra.

Mas estas são reformas difíceis de serem aprovadas, porque passam por uma redefinição do pacto federativo, e não contam com a disposição política do governo de lutar por elas. No entanto, é nelas que reside a solução para o problema da competitividade da indústria.

O governo poderia controlar o câmbio nominal, indo mesmo ao extremo de mantê-lo fixo, mas não consegue fixar o câmbio real, que é um preço relativo entre os bens "internacionais" e "domésticos". Se o câmbio real tiver que se valorizar porque as importações líquidas estão aumentando devido ao excesso da demanda doméstica sobre o PIB, ou porque há ganhos de relações de troca, e essa valorização não puder ocorrer através da apreciação do câmbio nominal, ocorrerá através da elevação dos preços dos serviços.

Foi isso o que ocorreu quando o Brasil esteve no regime de câmbio fi-

### Reconheço que o real não se valorizou apenas devido a causas transitórias

xo, logo após a reforma monetária do Plano Real, e é isto o que vem ocorrendo nos dois últimos anos com a intensificação das intervenções do BC. A "inflação de serviços" que existe atualmente no Brasil não é somente uma consequência do aquecimento da economia, mas também da valorização do câmbio real.

Buscar a "solução" para o problema da competitividade da indústria controlando o câmbio nominal, quando o problema está ligado à escassez de poupanças domésticas e às distorções da política fiscal, é um exercício fadado ao fracasso. Isso me lembra a história do bêbado que procurava a carteira perdida no canto iluminado da praça, e depois de longo tempo o guarda que o auxiliava perguntou se tinha certeza de que era ali que a havia perdido. A sua resposta foi de que a carteira fora perdida do outro canto da praça, mas como aquele canto estava escuro resolveu procura-la debaixo do lampião.

\* ECONOMISTA E EX-PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL

# Anápolis será referência em genéricos

Município atraiu atenção das multinacionais e tem a maior planta de medicamentos da América Latina, com 105 mil metros quadrados

João Domingos | BRASÍLIA

Anápolis deve tornar-se, dentro de dez anos, o maior polo de medicamentos genéricos do País. Dona da maior planta de medicamentos da América Latina, com 105 mil metros quadrados numa área de 1 milhão de metros quadrados, a goiana Teuto associou-se à norte-americana Pfizer, e passará a produzir os genéricos do Viagra e do Lipitor. O primeiro é o mais famoso medicamento para disfunção erétil; o segundo é um consagrado remédio para combater o colesterol.

Outro gigante do setor farmacêutico, a Hypermarcas, que adquiriu 60% da Neo Química, especializada em genéricos, iniciou o processo de consolidação do parque fabril, o que deverá ocorrer até o fim deste ano, mediante a transferência da produção para as modernas instalações em Anápolis.

"Nós temos um projeto muito grande, que é a consolidação de todas as operações farmacêuticas em Anápolis, exceto as fábricas da Mantecorp e da Luper (recém adquiridas), em Bragança. Estamos investindo um valor significativo na região e criaremos o maior complexo farmacêutico da América Latina, mais de 50 mil metros quadrados de fábrica e 30 mil

**Sessão corrida**

**Telona.** Gabriela Pereira e cartaz do cinema com as musas

## CINEMA GRÁTIS PARA CAMINHONEIRO

Hollywood do Cerrado presta homenagem a três atrizes que entraram para a história de Anápolis

metros quadrados de depósito", disse Cláudio Bergamo, presidente da Hypermarcas.

A Pfizer/Teuto não fica atrás. Marcelo Henriques Leite, presi-

dente executivo da empresa, disse que, no momento, o plano da companhia é dobrar a capacidade de fabricação de remédios sólidos, além de termi-

nar a fábrica de pó injetável, destinado a hospitais, com capacidade para produzir 5 milhões de amplos por mês.

Atualmente, a Pfizer/Teuto

agressiva política de conquista de mercados posta em prática pelo diretor-superintendente do Porto Seco do Centro-Oeste, Edson Tavares, incluiu a criação de um centro de convivência para os motoristas de caminhão.

À disposição deles há um centro de computadores, salão de jogos, TV a cabo, churrasqueiras e um cinema com 40 lugares, com a exibição gratuita de dois filmes diários.

Esse cinema, chamado de Hollywood do Cerrado, presta uma homenagem a três atrizes que, no século passado, entraram para a história de Anápolis: Joan Lowell, que contratou com Charles Chaplin no filme *Em busca do ouro*, Janet Gaynor, que ganhou o Oscar com apenas 22 anos, e Mary Martin, uma estrela das telas e da Broadway que fundou a principal boutique de Anápolis nos anos 50.

Joan Lowell foi também uma consagrada escritora, autora da

best-seller *Terra Prometida*. Na segunda metade da década de 30, juntamente com o marido, Leek Bowen, que fora o capitão do navio no qual fez uma viagem para a América do Sul e pelo qual se apaixonou, embrenhou-se pelo sertão de Goiás.

Com a promessa de que se construíssem uma estrada ganhariam terras, eles bancaram os gastos para a abertura da estradinha entre Jaraguá e Lavrinhas, no Vale do Rio São Patrício. De fato, ganharam uma fazenda. Joan, que ficou conhecida em Anápolis por dona Joana, escreveu um livro sobre as suas aventuras em terras goianas.

Uma obra foi lida por Janet Gaynor, vencedora do Oscar de melhor atriz com o filme *Sétimo Céu*. Contratou com Greta Garbo e Katherine Hepburn e, depois, participou de dezenas de filmes.

Janet também viajou para o interior de Goiás, onde construiu uma grande mansão. Moradores dizem que na sala havia

um único móvel, onde guardava uma estatueta dourada, o Oscar.

Outra estrela de Hollywood a parar em Anápolis foi Mary Martin. Famosa por participar dos musicais da Broadway, como *A Noviça Rebelde*, Mary estrelou nas telas ao lado de Bing Crosby, com o *Rei das Melodias*, *Sinfonia Bárbara*, *Coquetel de Estrelas* e, ao lado de Cary Grant, em *Canção Inesquecível*.

Na década de 60, Mary Martin foi a Anápolis visitar Janet Gaynor. Lá, Mary comprou uma propriedade e mandou construir uma mansão ao estilo de Beverly Hills, onde permanecia metade do ano.

Com o marido, o ator Richard Holliday, queria criar no sertão de Goiás uma réplica de Hollywood. Em Anápolis, a atriz abriu uma boutique com o nome de Nossa Loja. Viveu no Brasil até o morte do marido, em 1962. **J.D.**

tem a maior fábrica de ampolas injetáveis do País, com produção de 18 milhões de unidades por mês.

Ainda de acordo com a Marcelo Henriques, os genéricos do Viagra e do Lipitor deverão ser feitos pela Wieth, uma divisão da Pfizer que já se encontra em adiantado estado de regularização na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

Na avaliação do diretor executivo da Associação Brasileira de Laboratórios Nacionais (Abrasilan), Geraldo Monteiro, a consolidação dos laboratórios nacionais de fabricação de genéricos em Anápolis acabou por atrair a atenção de várias multinacionais.

No ano passado, o número de fusões e aquisições foi alto, numa demonstração do interesse pelo mercado. A aposta mais agressiva veio da Hypermarcas, que comprou a Luper, algumas marcas da Sanofi e a Mantecorp - essa uma transação de R\$ 2,5 bilhões. Para participar do mercado de genéricos, a Pfizer pagou R\$ 400 milhões para ficar com 40% da Teuto. O Aché comprou 50% da Melcon, laboratório de médio porte também situado no Distrito Agroindustrial de Anápolis, (Daia), enquanto outras grandes companhias, como a paulista EMS, a maior nacional no País, negociam a construção de fábricas na cidade goiana.

**AVALIAÇÕES DE IMÓVEIS E ESTUDOS DE MERCADO**

37 anos de atividades em todo território nacional

Rua Bahia, 1.047 - Higienópolis - São Paulo-SP - 01244-001  
Tel: 55 11 3665-1590 | E-mail: embraesp@embraesp.com.br

**www.embraesp.com.br**

**Kalunga.com**

**estadinho**

Recorte, cole, descubra, desenhe! Em formato gibi, o Estadinho é diversão garantida.

Todo sábado no Estadinho.